

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS. HERBERT KUHN - DIE FELSBILDER EUROPAS.

CARDOSO, Mário

Ano: 1960 | Número: 70

---

### Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Notas Bibliográficas. Herbert Kuhn - Die Felsbilder Europas. *Revista de Guimarães*, 70 (1-2) Jan.-Jun. 1960, p. 300-305.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Sobre Mumadona existem igualmente, nos trabalhos de outros, modernos e insígnis historiadores espanhóis, como Perez de Urbel e Sanchez Albornoz, referências importantes para o conhecimento da biografia e genealogia da nobre abadesa do Mosteiro de Guimarães, sem esquecermos idênticas alusões que se encontram nos escritos do notabilíssimo medievalista e saudoso Professor da Universidade de Coimbra Pierre David.

Em seguida, ocupa o Sr. Rocha Madahil algumas páginas acerca do erro cometido pelo Cónego Gaspar Estaço, nas *Varias Antiguidades de Portugal*, que leu na doação de Mumadona a era de 967 em vez de 997. Parece-nos ter sido inútil o tempo perdido a lembrar tal erro, pois desde a leitura aceite por Viterbo, Herculano, Gama Barros, Abade de Tagilde, Gonzaga de Azevedo e outros luminares da Diplomática, é assunto de há muito arrumado e portanto ponto assente que a data da referida doação é do ano 959, e não outra.

A Colectânea aveirense foi ilustrada com 28 excelentes gravuras «hors texte», de assuntos nem sempre muito a propósito ali intercalados. Em geral a austeridade dos textos diplomáticos não consente que a frialdade destas Colectâneas seja amenizada com estampas, embora artísticas, à excepção de quaisquer reproduções facsimiladas dos próprios documentos originais.

Termina o Volume com três índices: um dos diplomas, por sua ordem cronológica, outro toponímico das localidades neles citados, e outro das gravuras. A apresentação do livro, impresso na «União Gráfica», de Lisboa, é luxuosa e esmerada.

---

Herbert KÜHN, *Die Felsbilder Europas*, W. Kohlhammer, ed., Stuttgart 1952. Vol. de 215 págs., 180 x 260 mm., com 144 gravuras no texto, 5 tricromias, 111 similigravuras fora do texto, e 6 mapas.

Do mesmo Autor, *Die Kunst Alt-Europas*, W. Kohlhammer ed., Stuttgart 1958. Vol. de 251 págs., 180 x 260 mm., com 134 gravuras no texto, 4 tricromias e 192 similigravuras fora do texto.

O Dr. Herbert Kühn, Professor da Universidade de Mogúncia, é conhecido como um dos maiores especialistas sobre arte pré-histórica, cujos temas ele sabe observar, estudar e comentar «com olhos de crítico moderno»,

na justa apreciação de Luís Pericot, podendo assim estabelecer as mais flagrantes conexões entre essas longínquas manifestações do espírito humano, provindas da remota época do Paleolítico Superior, e a Arte de todos os tempos e de todos os povos até os nossos dias. Ninguém melhor do que este sábio pré-historiador alemão e insigne crítico de Arte sabe expor com clareza, concisão e simplicidade os seus conceitos sobre essa maravilhosa arte quaternária, que tendo findado há uns 8 a 10.000 anos, se calcula ter durado uns 50.000 anos, números estes que levam os pré-historiadores a perderem-se em hipóteses cronológicas, que chegamos a considerar fantasias de duvidosa consistência!

Num magnífico e luxuoso volume, de irrepreensível apresentação gráfica (e até neste pormenor se revela a alta sensibilidade estética do seu autor), dá-nos o erudito e culto Professor germânico um quadro sintético, de admirável precisão, sobre a arte rupestre da Europa, *Die Felsbilder Europas*, obra esta que oferece a todos os arqueólogos um extraordinário interesse, mas muito especialmente aos estudiosos da Península Hispânica, região onde estas manifestações de arte primitiva são particularmente numerosas, e onde, há pouco mais de meio século, após as assombrosas descobertas das pinturas de Altamira, os estudos da arte quaternária tomaram o incremento e o impulso que levou os investigadores à pesquisa de novas estações arqueológicas com estas formas de cultura, tão características dos mais antigos agrupamentos humanos.

Dado pois o manifesto interesse desta obra monumental, não tardou que ela merecesse à Arqueologia espanhola as honras de uma versão castelhana, também primorosamente editada pela Casa Seix Barral, de Barcelona, contendo um prólogo do eminente Professor da Universidade daquela cidade, Dr. Luís Pericot. Foi a obra cuidadosamente traduzida pelo conhecido Arqueólogo de Oviedo, Sr. Francisco Jordá Certá, que lhe aditou um pequeno capítulo sobre as insculturas do Noroeste da Península datadas da Idade do Bronze, e lhe introduziu também algumas modificações de ordem cronológica, bem como referências a certas estações rupestres espanholas, já descobertas após a publicação do original alemão de Kühn.

Considera o Professor Herbert Kühn na arte pré-histórica duas formas de expressão características: — a arte que denomina «sensorial» (*sensorischen Felsbilder*), arte naturalista que se alimenta dos sentidos e traduz com flagrante realismo a vida em movimento; e outra forma, que classifica de «imaginativa» (*imaginativen Felsbilder*), porque é representada por meios esquemáticos abstractos, meros conceitos ideográficos fixados em símbolos ou sinais com que o homem primitivo pretendia traduzir as emoções recebidas do mundo exterior. São tão superiormente sugestivas as seguintes palavras com que o insigne Professor de Mainz inicia a Introdução do seu livro, que não resistimos a transcrevê-las:

«Tudo o que a Humanidade tem pensado e sentido, tudo quanto ela tem acreditado e desejado o deixou gravado na face dos rochedos, nas fragas que até hoje conservaram esses sinais e figuras. Antes de a escrita ter facultado ao homem a possibilidade de dar permanência ao seu pensamento efêmero, eram estas representações rupestres que concediam eternidade aos seus sonhos e emoções. Foi sempre próprio da aspiração humana tentar conservar e deter o que é fugidivo, dar continuidade ao que, por sua natureza, é transitório. O que representa hoje para nós a escrita, o retrato ou a fotografia senão a intenção de transmitir permanência ao que é momentâneo, de não deixar fugir o que é fugaz? Pois, de modo idêntico, também o homem pré-histórico deixou expressos os seus desejos e pensamentos, gravando na rocha os seus anseios, fixando na pedra o que devia viver para sempre».

Este conceito e interpretação da arte rupestre leva-nos a concluir que o homem pré-histórico não teria apenas, como alguns querem, nas suas expressões plásticas, uma finalidade puramente utilitária e material — a *magia de caça*, por exemplo, mas essas representações artísticas traduziriam uma aspiração subjectiva, um sentido espiritual e estético mais elevado e nobre.

Trata o Autor deste livro do estudo das manifestações de arte rupestre apenas circunscritas à Europa, gravura e pintura, não se ocupando também, pelo menos em pormenor, da arte mobiliária, nem da escultura pré-histórica. Relativamente à Península Ibérica dedica um capítulo à arte rupestre do Levante espanhol, e outro à arte rupestre esquemática, ou *imaginativa*, de Espanha e

Portugal, referências estas que na edição espanhola foram acrescidas, como dissemos, de um capítulo sobre o Noroeste, aí introduzido pelo tradutor.

Acerca de Portugal, onde, como é conhecido, existem numerosas estações de arte rupestre esquemática, vê-se porém que o Autor não estava informado com suficiência bastante, tão superficialmente se refere ao nosso país, inserindo no seu livro apenas as representações de três placas-ídolos e o fragmento de um vaso eneolítico com gravuras de animais, aludindo muito vagamente às pinturas de Cachão da Rapa, e a pouco mais. Na parte bibliográfica cita unicamente (e, em parte, através das obras do Ab. Breuil) os nomes de Leite de Vasconcelos, José Fortes, Vergílio Correia, Mendes Correia e Santos Júnior.

Pena é, portanto, que, à semelhança do que em Espanha se fez, não se edite no nosso país, uma tradução portuguesa desta magnífica obra, na qual se introduzissem os aditamentos indispensáveis para completar o que nela se revela omisso com respeito à nossa arte pré-histórica.

Nos restantes capítulos estuda o Autor a arte rupestre da Escandinávia, da Itália, França, Irlanda, Alemanha e Rússia, além das considerações de ordem geral que insere, com grande profundidade de conceitos e riqueza de documentação sobre a arte do Paleolítico Superior, do Mesolítico e do Neolítico, como também já da época do Bronze.

Termina o volume por uma série de mapas com a localização de estações de arte rupestre europeias, e contém vários índices sistemáticos: das gravuras incluídas no texto e de estampas fora do texto, dos autores citados, da bibliografia, da toponímia, etc.

O Professor Kühn concedeu à Sociedade Martins Sarmiento, em 1933, a honra de colaborar no volume que esta Instituição editou, comemorativo do Centenário do nascimento de Martins Sarmiento, enviando-nos então um interessante artigo sobre fivelas visigodas com ornamentação perfurada (*ajourée*), intitulado «Westgotische Durchbruchschnallen» (Vide *Homenagem a Martins Sarmiento*, Guimarães 1933, p. 181), volume este do qual deu também uma elogiosa recensão crítica em *JPEK* (*Jahrbuch für prähistorische und ethnographische Kunst*, ano 9,

p. 189), o magnífico Anuário que há cerca de 30 anos tem caminhado sempre na vanguarda das melhores publicações que existem sobre arte pré-histórica.

\*

Mais recentemente deu este insigne Autor publicidade a um outro importante volume, de igual índole e com o mesmo aparato gráfico e riqueza de documentação, sobre a Arte na antiga Europa. Neste outro livro apresenta o erudito Mestre um panorama da evolução das artes plásticas europeias através dos tempos, desde o Paleolítico até ao fim do primeiro milénio da era cristã.

Em numerosas e magníficas gravuras de página, fora do texto, e em quatro tricromias, reproduzem-se algumas das mais belas e notáveis obras primas de Arte da velha Europa, desde as pinturas, esculturas e gravuras animalistas (a que se atribuem 20.000 a 40.000 anos de existência) das grutas francesas da Dordogne, da Charente, de Ariège, etc., e das espanholas de Altamira, de Guadalajara, Castellon, etc., às gravuras rupestres e esculturas escandinavas e alemãs, executadas entre os anos 3000-1000 a. C.; esculturas antropomorfas da Mesopotâmia, da Grécia arcaica, encontradas em Naxos, em Paros e em Chipre, da Roménia, da Ucrânia, da Bessarábia e de Kiew, da Jugoeslávica e da Tchecoslováquia; graciosas estatuetas de marfim e ouro, de meados do segundo milénio a. C., representando sacerdotisas ou deusas, de seios descobertos; belíssimos vasos gregos; ídolos-placas de Espanha e Portugal; vasos celtas, de bronze e de ouro, e empunhaduras de espadas com opulenta ornamentação, procedentes da Noruega e da Alemanha; obras maravilhosas da escultura clássica grega, tais como esses conhecidos baixos-relevos do chamado «Triptico Ludovisi», do Museu das Termas, de Roma, supostas decorações de um grande altar representando o «Nascimento de Afrodite» e uma «Tocadora de flauta», de meados do século IV a. C.; a formosíssima estátua da «Venus de Kyrene», incomparável harmonia de linhas e formas esculturais, e a «Ninfa no banho», mármore do século III a. C.; o conhecido «Hermes» de Praxíteles e o grupo do «Gaulês suicida», admirável cópia romana do Museu das

Termas; bronzes e pinturas etruscas dos séculos IV e V a. C. e bronzes votivos ibéricos do célebre santuário de Despeñaperros (Jaen); a famosa «Dama de Elche»; cerâmicas e bronzes célticos, das épocas de Hallstatt e de La Tène; pinturas pompeianas dos primeiros séculos da era cristã; esculturas e pinturas da decadência do Império romano; joalharia visigótica do século V-VI de J. C.; finalmente, obras de arte românicas dos séculos VIII-X.

Pela sua documentação, esmeradamente seleccionada, este livro constitui uma magnífica colectânea de obras-primas da arte europeia, superiormente comentadas por um crítico que simultaneamente é um erudito pré-historiador e um arqueólogo da maior competência. Obra indispensável, portanto, na mesa de trabalho dos estudiosos, quer se trate de cultores de estudos da Antiguidade, quer de artistas plásticos, que muitos motivos de interesse podem encontrar neste livro precioso sobre a evolução, conceitos, interpretações e conexões da Arte do mundo antigo, através dos tempos.

Tal como o volume do mesmo autor sobre Arte rupestre europeia, é esta obra enriquecida com vários índices: bibliográfico, onomástico, geográfico, etc.

Estas duas esplêndidas obras, das quais acabamos de fazer a breve recensão, foram amavelmente oferecidas à Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, em permuta com edições desta Instituição vimaranense, pela Ibero-Amerikanische Bibliothek, de Berlim, da qual é Director o Prof. Dr. Hans-Joachim Bock.

---

Pedro BOSCH-GIMPERA, **El problema Indoeuropeo**. Ed. do Instituto de História da Universidade Nacional Autónoma de México. 1960. I vol. de 339 págs. e 20 mapas.

O Professor Bosch-Gimpera, um dos cientistas espanhóis mais conhecidos em todo o mundo da Cultura, pelos seus notáveis trabalhos de etnologia primitiva e de pré-história peninsulares, acaba de dar a lume mais uma obra de profunda erudição sobre o problema da origem e movimentos dos povos indo-europeus.

A solução deste complexo problema, ainda longe de se encontrar, em todas as suas incógnitas, é fundamental